

# HISTERIA: UM ENFOQUE HISTÓRICO.

REIS, Dayran Karam dos  
Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça (FASU).  
Graduada em Direito, Especialista em Direito do Trabalho e Previdenciário.  
e-mail: [dayran@uol.com.br](mailto:dayran@uol.com.br)

RODRIGUES, Angélica da Silva  
Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça (FASU).  
e-mail: [angelica\\_fernao@hotmail.com](mailto:angelica_fernao@hotmail.com)

SANTOS, José Wellington dos  
Especialista em Clínica e Psicopedagogia  
Docente do Curso de Psicologia da faculdade de Ciências da Saúde – FASU – Garça/SP  
e-mail: [wellingtonpsico@yahoo.com.br](mailto:wellingtonpsico@yahoo.com.br)

## RESUMO

Este estudo teve como objetivo tratar o desenvolvimento histórico da histeria e também, mostrar como a mesma se tornou caso fundador da psicanálise, trazendo uma reflexão sobre a forma como Freud e Breuer estudaram a histeria a fim de aliviar os sintomas dos seus pacientes, através de descobertas totalmente inovadoras, contrariando as teorias existentes na época, oferecendo um tratamento alternativo para pacientes histéricos.

**Palavras-chave:** Histeria, Freud, Psicanálise, Psicologia.

## ABSTRACT

This study had as objective treats the historical development of the hysteria and also, to show as the same if it turned case founder of the psychoanalysis, bringing a reflection on the form like Freud and Breuer studied the hysteria in order to relieve their patients' symptoms, through discoveries totally innovators, contradicting the existent theories at that time, offering an alternative treatment for patient hysterical.

**Keywords:** Hysteria, Freud, Psychoanalysis, Psychology.

## 1. INTRODUÇÃO.

França (1977), ensina que a Psicanálise é recente. Surgiu no século XIX das experiências clínicas de Breuer e Freud no tratamento de distúrbios nervosos e, em curto espaço de tempo, se constituiu em ciência autônoma, com princípios e métodos próprios: a ciência do inconsciente psíquico. É bem verdade que, através dos séculos, o inconsciente foi suspeitado por filósofos, místicos, médicos e escritores, como Platão, Sócrates, Aristóteles, Hipócrates, Santo Agostinho, Spinoza, Carus, Hartmann e outros. Mas, a Antiguidade se preocupou apenas filosoficamente com essa esfera psíquica, descurando o seu valor prático. O conceito de inconsciente, diz Freud, batia, de há muito, às portas da Psicologia, e a Filosofia, como a Literatura, namorava-o, mas a ciência não sabia como utilizá-lo. A Psicanálise fez sua essa idéia, considerando-a seriamente e dotou-a de um novo

conteúdo. As pesquisas psicanalíticas encontraram certos caracteres, até então insuspeitos, do psiquismo inconsciente e descobriram algumas das leis que o regem (FREUD, 1996).

As primeiras concepções experimentais sobre o inconsciente datam da segunda metade do século XIX, em decorrência de três fatos: 1º) o interesse da medicina pelas neuroses e, particularmente, pela histeria; 2º) a utilização da hipnose com meio de investigação e terapia dos distúrbios mentais; e 3º) a descoberta da ação patogênica das lembranças inconscientes de acontecimentos traumáticos. A Psicanálise teve seu ponto de partida no chamado Método Catártico de Breuer, médico e grande conhecedor da fisiologia experimental. Nos anos de 1880 e 1881, Breuer teve submetida a tratamento uma jovem de 21 anos, que havia adoecido gravemente de histeria, enquanto tratava do pai moribundo. A paciente, que ficou conhecida na história como Ana Ó., apresentava o seguinte quadro clínico: contrações nas extremidades, com anestésias do lado direito e, às vezes, do lado esquerdo; perturbações motoras, dificuldades da visão, tosse nervosa, anorexia e impossibilidade de beber, apesar de intensa sede, e perturbações da consciência.

Por sugestão da própria paciente (moça de inteligência e cultura), Breuer submeteu-a à hipnose e verificou que, todas as vezes que a moça lhe comunicava as paixões e idéias que a dominavam, voltava ao seu estado normal. Concluiu, então, que os sintomas apresentados por Ana Ó., eram causados por traumas psíquicos múltiplos e que a detecção de traumas recentes precedia a detecção de traumas mais antigos. Com essa experiência, Breuer criou o Método Catártico (do grego, catharsis = purgação), que tinha como premissa a possibilidade de o paciente ser hipnotizado, e se baseava na ampliação da consciência durante o sono hipnótico.

Freud, que era companheiro de Breuer e discípulo de Charcot, outro grande hipnólogo, empregou repetidamente o Método Catártico, aprofundando-se no estudo da histeria. As pesquisas dos dois médicos levaram a três conclusões: 1ª) os sintomas histéricos têm um sentido e um significado, sendo substitutivos de atos psíquicos normais; 2ª) a descoberta de tal sentido incógnito coincide com a supressão dos sintomas; e 3ª) os histéricos sofrem de reminiscências.

Como nem todas as pessoas são facilmente hipnotizadas, Freud trabalhou no sentido de descobrir uma técnica que possibilitasse chegar aos processos

anímicos inconscientes, sem o concurso da hipnose e, assim, surgiu o Método da Livre Associação de Idéias: pelas recordações espontâneas dos pacientes, convidando-os a relatarem tudo o que surja no pensamento, mesmo o que julguem secundário, inoportuno, incoerente ou vergonhoso, se conseguem os mesmos resultados obtidos por meio da hipnose. No momento em que o mestre vienense abandonou o Método Catártico em favor da Associação Livre de Idéias, nasceu a Psicanálise, uma nova disciplina científica de caráter terapêutico. E, com ela, uma nova profissão, a de Psicanalista, que atraiu não só médicos, como Jung e Adler, mas, também, profissionais formados em outras áreas, como os advogados Hans Sachs e Tausk, o filósofo Reik, o literato Otto Rank e o educador e teólogo Pfister.

Isto posto, consideramos que a relevância deste estudo é inegável uma vez que se observa a amplitude de benefícios que se pode alcançar com este conhecimento. Por esta razão, a Psicologia deverá estar apta para dar o devido suporte aos pacientes com histeria, e o presente estudo se compromete a contribuir de forma bibliográfica para a construção desse saber. Para tanto, utilizamos como método a pesquisa bibliográfica. Foi realizado um levantamento de dados com base no acervo bibliográfico da Biblioteca Central da Associação Cultural e Educacional de Garça - SP e por busca eletrônica de artigos indexados nas bases de dados do *Scholar Google*, *Scielo*, *Medline*, *Bireme* e *Lilac's*, a partir das palavras-chave: Histeria + Freud + Psicanálise + Psicologia.

Considerando a histeria na visão da Psicanálise, buscamos subsídios na literatura, tendo como objetivo investigar temas relacionados à histeria, traçando um breve panorama do que está sendo pesquisado e publicado.

Justifica-se o tema deste estudo por ter relevância científica, pois, poderá contribuir para o esclarecimento de outros pesquisadores, no decorrer de um estudo ou pesquisa científica.

## **2. A HISTERIA E A PSICANÁLISE.**

A histeria, na Renascença, era a filha do diabo; no início do século passado, foi a mãe da Psicanálise. A histeria, em seu início, era coisa de mulheres. Hipócrates e Platão retomaram crenças milenares, mas não usaram a palavra histeria. Foi Littré quem acrescentou a palavra aos escritos hipocráticos que falavam sobre a sufocação da matriz, a sufocação uterina. Com uma complicada explicação anatômica, Hipócrates descreveu, fenomenologicamente, a doença: o branco dos

olhos revira, a mulher fica fria, lívida, range os dentes, saliva, assemelhando-se aos epiléticos (BELINTANI, 2003).

Na época romana, do século I ao III, a histeria também tinha uma cena espetacular: a doente caía no chão sem voz, com uma respiração difícil, perdendo os sentidos... E assim, ligada a afecções do útero, a histeria seguiu por muito tempo. No século XVII, a histeria deixou de ser coisa de mulher, sendo descritos alguns casos de histeria em homens: “o corpo” se retesa, se tensiona porque o cérebro está tomado pelos “espíritos animais”.

Segundo Freud (1996), havia na histeria uma idéia parasita inconsciente e de conteúdo sexual. Inicialmente, entendeu o histérico como alguém que teria sofrido, quando criança, um abuso sexual exercido por um adulto, o que o teria colocado frente a um excesso de estimulação sem possibilidades internas de elaboração. O excesso de tensão instalou-se como um núcleo mórbido que geraria os sintomas. Este traço mórbido seria recalcado e tornaria essa representação mais fortalecida, pois impediria seu escoamento. Essa carga se transformaria em sofrimento corporal, formação de compromisso que permitiria em parte a transformação dessa energia. Freud acompanhou e analisou cada processo enquanto tratava seus pacientes, entre eles, o caso de histeria mais conhecido, o de “Ana Ó” (FREUD, 1996)

Em 1900, com *A Interpretação de Sonhos*, Freud modificou sua teoria, abandonando a idéia do trauma por considerar que a cena traumática havia ocorrido somente na fantasia, não se tratando de um fato, mas de um desejo, este sim, essencialmente traumático. A fantasia é traumática porque é uma energia sexual excessiva, ou seja, desproporcional aos recursos internos da criança para lidar com ela. Freud desenvolveu, a partir daí, sua teoria do Complexo de Édipo, articulando a histeria a uma fixação na fase fálica do desenvolvimento, na qual o menino descobre com angústia que sua mãe não tem o falo; e sente-se ameaçado de sofrer o mesmo destino. Acredita que o mundo é dividido em dois tipos de seres: os superiores, portadores do falo, e os inferiores, destituídos deste. O menino passa a viver a angústia de castração. Na menina, não há angústia de castração; há ódio e ressentimento por não ter recebido o falo, atualizando, assim, o rancor do desmame. A solução histérica para essa situação é falicizar o corpo não genital e desinvestir o corpo genital. O histérico não tem o falo, ele é o falo, excesso de narcisismo e falta

de erotismo, ou excesso e falta de narcisismo, uma vez que usamos o termo para designar aspectos diversos. A crise histérica é uma mise-en-scène das fantasias transformadas pelos mecanismos de condensação e deslocamento. É uma mensagem cifrada para burlar a censura.

O termo histeria é derivado da palavra grega *hystera* e significa matriz. De acordo com Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, matriz é o "lugar onde algo se gera ou cria; órgão das fêmeas dos mamíferos onde se gera o feto; útero" (1988, p. 422). Freud, em 1895, publica seus Estudos Sobre a Histeria, em que apresenta seus achados e conclusões a respeito da mesma. Essa obra é composta pelo relato de cinco casos clínicos, sendo que quatro deles foram atendidos pelo próprio Freud. As pacientes de Freud foram: Frau Emmy von N., Miss Lucy R., Katharina e Fraülein Elisabeth von R. O caso Anna Ó (FREUD, 1996).

Segundo Freud (1996), existe uma grande variedade de formas e sintomas de histeria, as quais foram estudados por ele durante muitos anos, com vistas a descobrir sua causa precipitante – o fato que teria provocado a primeira ocorrência, muitos anos antes com frequência, do fenômeno em questão. Via de regra, é necessário hipnotizar o paciente e provocar, sob hipnose, suas lembranças da época em que o sintoma surgiu pela primeira vez; feito isso, torna-se possível demonstrar a conexão causal de forma mais clara e convincente (FREUD, 1996).

Os sintomas cujo rastro pudemos seguir até os referidos fatores desencadeadores deste tipo, abrangem: nevralgias e anestésias de naturezas muito diversas, muitas das quais haviam persistido durante anos; contraturas e paralisias; ataques histéricos e convulsões epileptóides, que os observadores consideravam como epilepsia verdadeira; *petit mal* e perturbações da ordem dos tiques; vômitos crônicos e anorexia, levados até o extremo de rejeição de todos os alimentos; várias formas de perturbação da visão, alucinações visuais constantemente recorrentes etc.. A desproporção entre os muitos anos de duração do sintoma histérico e a ocorrência isolada que o provocou é o que se encontrava invariavelmente nas neuroses traumáticas. Com grande frequência, é algum fato da infância que estabelece um sintoma mais ou menos grave, que persiste durante os anos subsequentes (FREUD, 1996). A relação causal entre o trauma psíquico determinante e o fenômeno histérico não é de natureza a implicar que o trauma atue como mero *agent provocateur* na liberação do sintoma, que passa então a levar uma

existência independente. Devemos antes presumir que o trauma psíquico – ou, mais precisamente, a lembrança do trauma – age como um corpo estranho que, muito depois de sua entrada, deve continuar a ser considerado como um agente que ainda está em ação (FREUD, 1996).

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.**

Este trabalho traz informações a respeito da histeria como caso fundador da Psicanálise, destacando, principalmente, a forma como Freud e Breuer estudaram profundamente este transtorno mental que acomete, principalmente, as mulheres, amenizando seus sofrimentos e até curando, através de técnicas totalmente inovadoras na época, recebidas com reservas pela comunidade científica. É impossível falar da História da Psicanálise, sem considerar da histeria, pois a Psicanálise teve início a partir da clínica da histeria, e foi alongando seu campo para as outras neuroses e demais quadros psicopatológicos. Talvez seja possível dizer que Psicanálise e histeria são duas faces de um mesmo movimento, em que uma descobre a outra. Foi ouvindo histéricas no seu sofrimento, com seu corpo e com sua fala, que Freud fez a sua grande descoberta e pôde reconhecer a existência de um psiquismo com suas determinações inconscientes.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.**

BELINTANI, G. **Histeria**. *Psic.* [online]. dez. 2003, v.4, no.2, p.56-69. Disponível na [www:<http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S167673142003000200008&lng=pt&nrm=iso>](http://pepsic.bvspsi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167673142003000200008&lng=pt&nrm=iso). ISSN 1676-7314. Acesso em 25 de março de 2010.

FRANÇA, R. L. **Enciclopédia Saraiva do Direito**. V. 62. São Paulo: Saraiva,1977.

FREUD, S. Estudos Sobre a Histeria. In: **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. V. II (1893-1895). Rio de Janeiro: IMAGO, 1996.